



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



Rede de agroecologia camponês a camponês no Sul de Sergipe.

Network of peasant-to-peasant agroecology in southern Sergipe.

FONTES, Marília Andrade, mariliaafontes@gmail.com, Universidade Federal de Sergipe
RABANAL, Jorge Enrique Montalván, rabanal80@gmail.com, CFAC
SIQUEIRA, Edmar Ramos de, edmar.siqueira@embrapa.br, EMBRAPA
SOUZA, Fernanda Amorim, fernanda.amorim@embrapa.br, Embrapa
RAMOS FILHO, Eraldo da Silva, eramosfilho@gmail.com, Universidade Federal de Sergipe
CAETANO, Philippe Alves Rolemberg, philipe_floresta@hotmail.com, Movimento Camponês Popular

Tema Gerador: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo

Este trabalho é parte de uma pesquisa-ação em andamento na região sul de Sergipe com a rede de agroecologia “camponês a camponês”. Tem como objetivo discutir a subordinação do campesinato pelo capital e, apreender como a agroecologia é capaz de impulsionar processos que impedem essa subordinação, construindo autonomia por meio do estabelecimento de novas relações sociais, de produção e econômicas. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema, além do acompanhamento dos intercâmbios, avaliações e círculos de cultura promovidos pela rede de agroecologia. A construção da agroecologia, em redes de camponeses, que partilham suas experiências por meio dos intercâmbios, são capazes de impulsionar a autonomia (relativa) camponesa, principalmente na dimensão da construção do conhecimento e na dimensão da produção. Além disso, observa-se o resgate e a construção de novas relações sociais, baseadas na fraternidade, horizontalidade e reciprocidade.

Palavras-chave: Agroecologia; Campesinato; Intercâmbio; Camponês a Camponês; Construção do Conhecimento Agroecológico.

Abstract

This work is part of an action research in progress in Sergipe’s southern area, in partnership with the agroecological network “peasant to peasant”. Its aim is to discuss the peasantry’s subordination to capital, and to understand how agroecology is able to strengthen processes that may prevent this subordination, and build autonomy, by means of establishing new social, production and economic relations. For this, we conducted a bibliography review of the topic, and followed the exchange, evaluations, and cultural round-table promoted by the agroecology network. The construction of agroecology, networks – networks of peasant who share their experiences in exchanges - is something that is capable of increasing the peasantry’s (relative) autonomy, especially concerning their knowledge and production. Furthermore, one can see the retrieval and the construction of social relations, based on fraternity, horizontality and reciprocity.

Keywords: Agroecology; Peasantry; exchange; Peasant to peasant; Agroecological knowledge.

Introdução

A expansão do capitalismo no campo se dá pela sujeição da renda territorial ao capital, seja comprando terras para exploração ou venda, ou, ainda, pela subordinação da produção camponesa. Ao avançar por meio da incorporação de novas terras, o capi-



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



tal desterritorializa o campesinato, diferente da relação de subordinação da produção camponesa, onde a propriedade e posse da terra continuam em mãos camponesas, e, o trabalho mantém-se de base familiar (Martins, 1981).

A subordinação do campesinato pelo capital, segundo Vergés (2011), é feita por meio da subordinação do trabalho camponês, evitando o custo da formação de uma força de trabalho ao mesmo tempo em que supre suas necessidades irregulares por mão de obra (nos diversos setores como o agronegócio, construção civil e até a indústria). O capital subordina também a produção do tipo camponês quando este necessita acessar o mercado para vender seus produtos e quando acessa crédito nos bancos (VERGÉS, 2011; OLIVEIRA, 2004).

Ao acessar a matriz produtiva do agronegócio, pelo fetiche da alta produtividade, da diminuição do trabalho e dos fartos lucros, o camponês compra insumos e implementos controlados pelas transnacionais, como fertilizantes, agrotóxicos, sementes e maquinários pesados, e dessa forma, além da relação de dependência, acaba por transferir parte do produto de seu trabalho para o capital.

Assim, ao subordinar a produção de tipo camponês, o capital ao contrário de eliminar o campesinato, o integra ao seu processo de reprodução como Fontes de rendimentos suplementares (CAMPOS, 2006).

Integrar-se ao capital, subordinar-se a ele ou ser eliminado não é a única perspectiva do campesinato, que historicamente criou alternativas para resistir, recriar-se e ampliar sua autonomia. Ao longo do tempo o campesinato tem demonstrado capacidade de se fazer sujeito e protagonista de sua história, por sua capacidade organizativa e pelo estabelecimento de estratégias camponesas de criação e recriação (OLIVEIRA, 2004).

Uma das formas de resistência e recriação do campesinato é se organizado em movimentos sociais, que realizam a luta pela reforma agrária e acesso à terra. A conquista da terra materializa o território camponês e é seu pilar central, pois possibilita a reprodução camponesa e representa a condição de construção de autonomia.

Além da *luta pela terra*, existe, também, a *luta na terra*, que são as estratégias e mecanismos criados pelo campesinato para ampliar a autonomia relativa, contra à subordinação do capital, fortalecendo a prática social de produção camponesa com o controle do produto do trabalho realizado pela família.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



É impossível pensar em autonomia absoluta, ou autonomia plena dentro do sistema hegemônico do capitalismo, portanto autonomia será sempre relativa, e a entendemos como uma processualidade, que possui dimensões (produtiva, econômica, sociais, culturais, etc).

Autonomia diz respeito à luta dos povos contra a sujeição, subordinação ou integração ao capital, ou seja, é o direito de viver de acordo com suas normas e culturas (construídas milenarmente), que tem outro modo de vida, outra lógica de sociedade do que a imposta pelo capital. Processos de luta e de enfrentamento ao capital, e conseqüentemente de construção de outras relações sociais, outros valores.

Existe, então, a perspectiva e necessidade de luta não só pela terra, sobretudo a luta contra o capital (OLIVEIRA, 2004, p. 67).

De camponês a camponês

No Sul de Sergipe, a recriação do campesinato é realizada, principalmente, por meio da luta pela terra, organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Essa luta permitiu o acesso à terra, a materialização de territórios camponeses, como também a ação política desses sujeitos, seja em fóruns e espaços públicos dos quais foram historicamente excluídos, mas, também, ao resistir na terra e buscar formas de realizar o enfrentamento ao capital criando estratégias, mantendo-se organizados no MST. Um exemplo dessas estratégias de enfrentamento foi a construção da rede de agroecologia “camponês a camponês”.

A existência do campesinato forjada na luta pela terra foi condição essencial para a criação e consolidação de uma rede de agroecologia no Sul de Sergipe, outros elementos importantes foram: a) a articulação impulsionada pelo colegiado territorial; b) inspiração nas experiências de outros grupos de agroecologia, principalmente o movimento de agroecologia da Zona da Mata Mineira; c) a adoção da Metodologia “camponês a camponês” consagrada por movimentos agroecológicos em vários locais do mundo, principalmente na América Latina.

A Metodologia “camponês a camponês”, segundo Holt-Giménez (2008) consiste em trocar/intercambiar diferentes conhecimentos populares, onde a forma para compartilhar o conhecimento são os diálogos que se baseiam em investigação e ações coordenadas e dirigidas pelos camponeses.

Iniciada em 2012, a rede de agroecologia está organizada em 5 grupos entre os municípios de Estância, Santa Luzia do Itanhi, Itaporanga d’Ajuda, Arauá, Indiaroba, Itabaianinha, Cristinápolis e Tomar do Geru.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



Metodologia

Como fruto de uma pesquisa-ação, este trabalho inclui não somente a participação ativa dos pesquisadores frente ao processo analisado, mas também os pesquisadores enquanto agente que se comprometem e atuam na realidade, impulsionando processos de superação e transformação.

Foram acompanhados os intercâmbios da rede de agroecologia “camponês a camponês”, além das atividades como reuniões de coordenação, de avaliações e planejamento. Realizamos 3 círculos de cultura, que, são também conhecidos como círculos epistemológicos. Assim, a partir do diálogo mediado pelos pesquisadores buscamos apreender quais as transformações foram impulsionadas a partir da experiência da rede “camponês a camponês” e como a agroecologia impulsiona processos de autonomia.

Resultados e apontamentos

Como instrumento de *luta na terra* a rede “camponês a camponês” tem possibilitado a ampliação da autonomia nas dimensões do conhecimento e da produção, além de apontar caminhos para a ampliação da autonomia de comercialização.

No que tange ao conhecimento todos os componentes da rede afirmam que aprenderam novas técnicas de plantio, manejos, consorciamentos, controles de pragas e doenças, formas de fazer o próprio adubo, produzir a ração animal, etc. Dominar o processo produtivo, ou ainda, conhecer, deter o conhecimento é ter poder: poder de escolha, de decidir o que produzir e como produzir.

Ainda, houve trocas de conhecimento sobre a forma de uso da biodiversidade, receitas, para o consumo, alimentação e uso medicinal. Aproximar da natureza e saber utilizá-la, contribui para autonomia das famílias, diminuindo a dependência das farmácias, revalorizando a alimentação local camponesa, e assim consumindo menos alimentos industrializados.

A autonomia na produção ampliou no aspecto de menor dependência externa (do mercado), seja aprendendo a fazer seu próprio adubo, seja plantando o que antes precisava comprar, ou até mesmo usando os conhecimentos dos intercâmbios para o manejo e controle de pragas e doenças.

Durante os encontros e intercâmbios existe uma intensa troca de sementes e mudas, o que aumenta a biodiversidade nos lotes das famílias camponesas. A diversidade é o que tem de mais genuíno no campesinato, pois garante certa autonomia do mercado (oscilações de preços e menor necessidade de compra).



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



Ainda, a rede de agroecologia influenciou e é parceira de um coletivo que comercializa a produção agroecológica, por meio da economia solidária, em feiras livres de Aracaju. Essa iniciativa aponta como um embrião da ampliação da autonomia econômica, ou seja, o camponês acessa o mercado capitalista para trocar sua mercadoria por dinheiro, mas o faz por meio de trocas mais justas, onde os próprios camponeses definem os preços, e seus produtos são valorizados pelos consumidores por ser cultivado pela família, em comunidade como o conhecimento e saberes camponeses, sem o uso de agrotóxicos.

É importante destacar que a relação com o outro, o trabalho coletivo, os frequentes encontros, ao partilhar diversas atividades juntos, forja-se um grupo. Este grupo (ou rede) constrói sua identidade no decorrer desse processo, e estabelece-se, ainda que implicitamente, os valores sociais que norteiam e regem tal grupo ou coletivo.

“Os intercâmbios constroem coletividade, e essa coletividade constrói outras coletividades que criam relações de solidariedade de vários tipos... na comunidade” (Camponês, coordenador da rede “camponês a camponês”).

Conclusões

Concluimos que a Metodologia camponês a camponês, adaptada da experiência Cubana, mostrou-se eficiente para a construção de redes de agroecologia, e ao longo do processo já deixou de ser uma ferramenta metodológica e pouco a pouco se constrói como uma filosofia, um modo de vida.

A agroecologia trabalhada em redes de camponeses permite a construção horizontal do conhecimento, a troca de saberes, o protagonismo camponês, além de estabelecer relações sociais de coletividade, solidariedade, reciprocidade e pertencimento que resgata e valoriza a identidade camponesa.

As redes camponesas de agroecologia são instrumentos de luta na terra e ambientes férteis, capazes de transformar as relações sociais, as relações de produção, fortalecer e impulsionar a autonomia camponesa. Dessa forma, ampliam o controle dos territórios camponeses frente à subordinação do agronegócio.

Referências Bibliográficas

CAMPOS, Christiane Senhorinha Soares. Campesinato autônomo – uma nova tendência gestada pelos movimentos sociais do campo. **Revista Lutas e Resistências**. v.1, p.146-162, set. 2006.

HOLT-GIMENÉZ, Eric. **Campesino a Campesino: Voces de Latino América**, movimiento campesino a campesino para La agricultura sustentable. Managua, 2008. p. 294.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1981.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino; MARQUES, Marta Inês Medeiros (Orgs.). **O campo no século XXI: território de vida, de luta e de construção de justiça social**. São Paulo: Editora Casa Amarela e Editora Paz e Terra, 2004.

VERGÉS, Armando Bartra. **Os novos camponeses**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.